

GES
PCP

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

**A Comissão Política do Comité Central lança o apelo
SALVEMOS AS VIDAS DOS CAMARADAS
PRESOS EM DEZEMBRO**

Na sua reunião de Fevereiro passado a Comissão Política do Comité Central analisou a situação conspirativa e alguns problemas de Direcção decorrentes do desastre sofrido pelo Partido em Dezembro último. Foram tomadas resoluções no sentido da defesa e do fortalecimento do trabalho da Direcção do Partido.

Em virtude das informações colhidas sobre a situação prisional dos camaradas presos em Dezembro, a Comissão Política resolveu publicar um manifesto em que «apela para todos os portugueses, qualquer que seja a sua posição política, bem como para todas as pessoas de qualquer país que sentem os sofrimentos do nosso povo, para que ergam a sua voz em defesa dos patriotas presos, em defesa da sua vida».

Na verdade, além do assassinato brutal do nosso saudoso camarada José Dias Coelho, a PIDE colocou em completo isolamento todos os camaradas presos em Dezembro. Apesar de ser absolutamente ilegal o máximo de tempo de visita que tem sido permitido é de 15 minutos, uma vez por semana. Após cerca de 3 meses de prisão é ainda (continua na 2.ª pág.)

**EM 8 DE MARÇO GRANDE MANIFESTAÇÃO NO PORTO
Pela Amnistia! Pela Paz! Pela Liberdade!**

Depois da grande jornada do 31 de Janeiro o povo do Porto vem manifestando a mais firme vontade de lutar contra o regime que oprime o nosso País. Foi respondendo à vontade dos trabalhadores do Porto e dos seus arredores que, de novo, o nosso Partido apelou para uma outra manifestação no dia 8 de Março, Jornada Internacional da Mulher. Pela primeira vez no nosso país se lançou a palavra de ordem de fazer uma manifestação de massas na rua para comemorar o 8 de Março.

Em documentos dirigidos às mulheres, aos trabalhadores, aos jovens, aos intelectuais, aos militares e mesmo às forças repressivas, o nosso Partido e outras forças democráticas exortaram a uma tal manifestação.

Pelas 18 e 30 começaram a juntar-se grupos na Praça da Liberdade. Toda a polícia do Porto estava na rua. A pouco e pouco as pessoas aproximavam-se e começaram a constituir uma grande massa. Perdo da rua da Fábrica ressoaram os primeiros gritos. E logo a seguir raparigas e rapazes levantavam largos dísticos com as reivindicações fundamentais da manifestação: AMNISTIA! PAZ, SIM; GUERRA, NÃO! VIVA A LIBERDADE! O Hino Nacional cantava-se a plenos pulmões e os gritos à Liberdade, à Paz e à Amnistia convertiam-se em ABAIXO SALAZAR! FORA O FASCISMO!

VINTE MIL pessoas concentraram-se na Praça da Liberdade e daí dirigiram-se em entusiástica manifestação para a Rua 31 de Janeiro.

Até então a PSP não tinha intervido e muitos dos guardas que assistiam decerto consideravam como era justo o que o povo dizia.

Ao subirem porém a Rua 31 de Janeiro, as «companhias móveis» da PSP, dirigidas pela PIDE, ir-

romperam violentamente. Sem atender se eram mulheres ou homens, se eram velhos ou crianças, os guardas brutais dessas companhias carregaram sobre os manifestantes, fazendo vários feridos. Refugiando-se muitas vezes nas lojas que os comerciantes deixaram abertas para desse modo os proteger, os manifestantes gritavam: «Criminosos!» «Assassinos!» «Fora Salazar!»

Os gritos das mulheres feridas, o sangue que deixava manchas no pavimento, as lutas que durante cerca de uma hora se travaram, as

prisões que foram realizadas, de novo fortaleceram ainda mais a vontade do bravo povo do Porto de expulsar o salazarismo, de conquistar o Pão, a Liberdade e a Paz.

Mais uma grande jornada anti-salazarista foi escrita pelo povo do Porto. Mais uma lição, mais uma experiência.

Que no próximo dia 1 de Maio por todo o lado o nosso povo siga o exemplo do Porto, gritando a sua vontade de varrer com o fascismo, de conquistar a Liberdade Política!

**APELO PARA O 1.º DE MAIO
do Partido Comunista Português
À CLASSE OPERÁRIA! AOS TRABALHADORES! AO POVO!**

Apesar da repressão e do terror fascista, os trabalhadores portugueses têm, corajosamente, em muitas empresas e localidades, transformado o 1.º de Maio, data que um todos os trabalhadores do mundo, numa verdadeira jornada de luta.

Nos longos 36 anos de opressão fascista foram pelos trabalhadores portugueses escritas páginas heróicas da nossa história. Muitos dos seus melhores filhos têm dado a vida na luta em defesa das suas reivindicações económicas e políticas.

A classe operária portuguesa constitui o bloco mais firme, mais decidido e mais organizado da grande e ampla frente anti-salazarista. A classe operária, os trabalhadores portugueses defendem consequentemente os interesses de toda a Nação.

Nas últimas grandes manifestações populares, de Novembro e 31 de Janeiro passados, os trabalhadores, mais uma vez, se puseram na vanguarda da acção dando a essas lutas anti-salazaristas o carácter de amplas acções de massas.

Em Novembro mais um operário português foi assassinado a tiro pelas forças repressivas fascistas. O jovem corticeiro Cândido Marilins é bem um símbolo dos sacrifícios realizados pela classe operária e a juventude na sua luta pelo Pão, pela Liberdade, pela Paz.

Em Dezembro foi também assassinado friamente numa rua de Lisboa um intelectual que soube colocar toda a sua inteligência e vontade ao serviço da classe operária portuguesa, do povo. José Dias Coelho, funcionário do Partido Comunista Português, é um exemplo para todos os trabalhadores intelectuais e para os estudantes que lutam contra o regime de opressão de Salazar.

É pois num ambiente de luta anti-salazarista e de sacrifícios de vidas de patriotas que irá decorrer o próximo 1.º de Maio.

Essas lutas têm posto a nú a nefasta política de Salazar. É em virtude das lutas do nosso povo e dos povos coloniais que o salazarismo se debate na sua mais grave crise. A continuação da sua política só pode conduzir a um desastre nacional.

OPERÁRIOS! TRABALHADORES! POVO PORTUGUÊS!

O Partido Comunista Português, partido político da classe operária, que à causa dos trabalhadores e de todo o povo tem dado o melhor da sua vontade e combatividade, saudá-vos e apela para que:

- Comemoramos o 1.º de Maio fazendo desse dia uma grande jornada de Unidade e de Acção!
- Organizemos e acção em defesa das nossas reivindicações económicas!
- Mobilizemos as mais amplas camadas, todos os portugueses que compreendem os males da repressão fascista, para conquistar a Amnistia Política!
- Esclareçamos incansavelmente os graves prejuízos que causam ao país a louca política colonialista e mobilizemos os soldados, as famílias, todos os patriotas, para impedir a continuação da guerra!
- Levantemos os protestos de todos os que amam a Paz contra as bases militares estrangeiras, contra o apoio de Salazar à política de guerra dos imperialistas!

ORGANIZANDO COM TEMPO AS NOSSAS ACÇÕES, PARALIZANDO O TRABALHO, FAZENDO CONCENTRAÇÕES E MANIFESTAÇÕES DE RUA, COMEMOREMOS O 1.º DE MAIO COMO UMA GRANDE JORNADA DE UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA E DE LUTA POPULAR CONTRA O SALAZARISMO!

- Viva a classe operária portuguesa!
- Viva o povo e a sua acção pelo Pão, a Liberdade e a Paz!
- Viva o 1.º de Maio, Jornada Internacional dos Trabalhadores!

Março de 1962

O Partido Comunista Português

Faleceu o camarada**AJOY GHOSH**

Em Janeiro, faleceu prematuramente o camarada Ajoy Ghosh, secretário-geral do Partido Comunista da Índia. Ainda recentemente a «Pravda» publicava um importante artigo onde o camarada Ajoy Ghosh, referindo-se à libertação do povo de Goa, saudava o nosso Partido pela sua posição na luta contra o colonialismo português.

O Partido Comunista Português exprime ao Partido Comunista da Índia o seu profundo pesar pela morte do camarada Ajoy Ghosh.



AMNISTIA EM PORTUGAL

Este grito que percorre actualmente o mundo é uma aspiração cada vez mais sentida no nosso País

Aproxima-se a realização da CONFERÊNCIA DA EUROPA OCIDENTAL PARA A AMNISTIA EM PORTUGAL. Esta Conferência, cuja ideia foi lançada em Março do ano passado por umas dezenas de destacadas individualidades de diversos países europeus, tem recebido a adesão e o apoio de todos os sectores políticos e a sua convocação foi já assinada por personalidades de grande relevo de muitos países da Europa Ocidental.

A razão deste amplo apoio a uma aspiração que, antes de mais, é sentida em Portugal, deve encontrar-se na repercussão mundial da luta travada pelo nosso povo contra a ditadura salazarista e pela Amnistia Política e no perigo que representa para todos os povos a existência na Europa dum regime reaccionário

como o de Salazar.

Ao mesmo tempo que na Europa Ocidental se prepara essa importante conferência, nos países socialistas alarga-se o esclarecimento e a mobilização das mais amplas camadas populares em defesa dos presos e perseguidos políticos portugueses, conforme relatamos no último número do «Avante!». Hoje, por todo o mundo se ergue um grito de solidariedade ao povo português

Novas prisões

Entretanto, o governo de Salazar prossegue na sua política de perseguição. Os apelos ao ódio e à repressão a encher os discursos dos ministros fascistas e as colunas de certos jornais, como «O Século» e o «Diário de Notícias». A PIDE intensifica a vigilância e as prisões por toda a parte.

Em Janeiro e Fevereiro a onda repressiva atirou para as cadeias muitos conhecidos democratas como o dr. Mário Soares, o eminente matemático Prof. Zéluar Nunes, dr. Bandeira de Lima, jornalista Corregedor da Fonesca, eng. Teixeira de Queirós, dr. Hipólito dos Santos, editor Lyon de Casiro, a esposa do dr. Piteiro Santos. As embaixadas estão repletas de refugiados políticos.

O dr. Arlindo Vicente, grande patriota, que se encontra doente no Forte de Caxias continua a ser alvo do ódio fascista. Não conseguindo apresentar quaisquer acusações concretas, a PIDE prepara-se agora para fazer condenar o dr. Arlindo Vicente num processo de medidas de segurança como «elemento perigoso para a sociedade». Este processo monstruoso está a decorrer no maior segredo e a PIDE impediu um advogado inglês que se deslocou a Portugal de assistir à inquirição das testemunhas.

Nas prisões políticas reina o desprezo pela saúde e pela vida dos presos, sendo especialmente grave o estado de saúde de Manuel Rodrigues da Silva, Afonso Gregório, Maria Luísa Costa Dias e Cândido Ventura, que a PIDE se recusa a internar em hospitais, apesar da opinião dos médicos; Mário Sena Lopes, agora condenado a 4 anos

de prisão maior e medidas de segurança, está já há ano e meio encerrado numa cela em regime de isolamento contínuo; Luísa Paula de 64 anos, Manuel Guedes e muitos outros presos políticos têm a saúde gravemente abalada pelos longos anos de prisão.

Por tudo isto a conquista dum Amnistia Política no nosso país é uma aspiração cada vez mais sentida por toda a gente sã.

Ao mesmo tempo que em todo o mundo se reforça a solidariedade ao nosso povo, também no nosso país se erguem mais vivamente as vozes a reclamar a Amnistia.

Tudo nos leva a intensificar ainda mais a acção maciça em prol da Amnistia Política. Para isso é muito importante que se criem Comissões Pró-Amnistia por todo o país, que se organize um amplo e forte movimento que, pressionando as autoridades, reclame e conquiste a Amnistia Política.

Mais uma voz que a censura fascista não amordaça!

OÍÇA RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Uma voz ao serviço da causa anti-fascista em Portugal. Emissões: das 14,10 às 14,40 nas ondas de 26, 31 e 32 metros e das 21,15 às 21,45 em 31 metros

SALVEMOS AS VIDAS DOS CAMARADAS PRESOS

(continuação da 1.ª pág.)

completamente proibida a entrada de livros e mesmo de jornais para os presos.

Além disso os nossos camaradas têm sido torturados na sede da PIDE e constantemente ameaçados de morte.

Sabe-se que Joaquim Pires Jorge teve um colapso cardíaco quando estava na tortura do sono. Octávio Pato esteve 11 dias nessa tortura, o que não pôde deixar de abalar fortemente a sua saúde. Américo de Sousa foi melido no segredo de Caxias e a Carlos Costa não tem sido permitida a saída de roupa que tem largas manchas de sangue.

Júlio Martins esteve também 11 dias na tortura do sono o que lhe

O ALTO CLERO apoia Salazar

Tornou-se já habitual ver o alto clero tomar posição pública em defesa do regime salazarista sempre que este é abalado pela luta do nosso povo. Isso verificou-se mais uma vez nos últimos meses.

Ao contrário do que se lê na nota do Episcopado publicada durante as «colecções», a Igreja Católica em Portugal não está «fora e acima da política concreta do regime, sistemas, governos, partidos, programas, pessoas». ... Esta deveria ser na verdade a política da Igreja, mas os actos não correspondem às palavras: a prova-lo está a circular do Cardeal Cerejeira a todos os padres, comunicando-lhes que não seriam confirmados nos seus cargos se tomassem quaisquer posições contra o regime.

Condenando demagogicamente todo o «totalitarismo político», o alto clero proíbe ao mesmo tempo os católicos «de votar não só nos comunistas mas naqueles que se aliam com eles» e insiste para que os católicos obedeam constantemente e lealmente à autoridade pública, não façam nada com espírito de sedição e observem religiosamente as leis do Estado.

Assim, o Cardeal Cerejeira e o alto clero, continuam a auxiliar por todos os meios a ditadura a resistir à intensificação da luta popular.

E eles não ficam só nas palavras. Eles vão mais longe, pois fazem uma denúncia policial das actividades de confraternização e culturais da juventude, organizam «circuitos de estudo» de propaganda anti-comunista e orientam os seus assistentes religiosos para actividades policiais.

Os sentimentos cristãos do nosso povo não se confundem com a acção do alto clero reaccionário e já vai longe o tempo do «papão comunista». Por isso, o ao contrário do desejo do Cardeal Cerejeira e outros altos eclesiásticos que foram votar pela ditadura fascista, cresce e reforça-se a unidade de acção de todos os patriotas portugueses, sem discriminações de carácter ideológico ou religioso.

Com este número do «Avante!» sai um suplemento com rubricas dos amigos do Partido, Com o total de: 89.974\$50

NOTAS E COMENTÁRIOS

Sábado gordo

O barco vinha devagar subindo o rio. Todo branco aproximava-se do cais. As pessoas olhavam-no e... rapidamente chamavam outras. Outras e outras corriam e, em pouco tempo, era uma multidão que assistia à chegada do navio inglês «Palmela» que, ido de Lisboa, ia receber carga a Gaia.

Vieram também os guardas da PSP que queriam à força fazer dispersar o povo, mas sem resultado. As pessoas apontavam umas às outras e grande inscrição no costado: «POVOS DO MUNDO, AUXILIAI O POVO PORTUGUÊS A LIBERTAR-SE DO FASCISMO DE SALAZAR». Avisada pelo chefe da PSP de Massarelos, a PIDE acoorreu a impedir que o barco acostasse e a ordenar que fosse imediatamente piniado.

O barco inglês saiu do Porto já sem o apelo aos povos do mundo. Mas o povo do Porto, passados dias, mostrava nas ruas a sua disposição de se libertar de Salazar.

É falar, vilenagem!

Duma notícia de «O Século» (18-1-62) respicamos o seguinte: Reuniu a Câmara Municipal de Évora sob a presidência do senhor Dr. João Luís Vieira da Silva. Entre as resoluções tomadas nessa reunião destacamos duas.

1.— Em virtude dos «magros réditos municipais», a Câmara resolveu deixar de pagar o transporte de doentes ambulatórios a partir de Junho.

2.— Dado que «felizmente», a Câmara tem disponibilidades orçamentais que lhe permitem à vontade comprar um automóvel para a presidência, «a vereação deliberou, por unanimidade se compre imediatamente um carro».

Sem comentários... além do título!

Igualdade das raças

Ajudados pelos vendidos membros da Comissão de Investigação da ONU, os salazaristas andam a apregoar as «boas condições» de trabalho dos africanos nas colónias. Eis um número entre tantos outros: Nas raças da Serra Sugar Estúdios (Moçambique) trabalham 500 empregados europeus que recebem por ano 38 mil contos, e 18.000 trabalhadores africanos que recebem 27 mil contos. Enquanto cada europeu recebe, em média, 6.300\$00 por mês, cada africano recebe 125\$00 por mês!

Lucros e sangue

1946 - 1950 — Doze anos de política de «electrificação nacional». Barragens monumentais que são a «última palavra» da técnica investidas colossais que ascenderam a 3 milhões e 700 mil contos, e lucros fabulosos que galgaram de 839 mil contos para 1 milhão e 700 mil Casaril, Bouçã, Castelo de Bode, Paradelá, Vila Nova, Salamonde, Casapada, Picote...

Mas a meditação outra face que os fascistas procuram ocultar é a do estorço dos que lá deixam a vida e enfiaram com o seu sangue essas formidáveis fontes de ouro para os monopolistas. Em 12 anos, nas 8 barragens, 166 acidentes mortais! Um número astronómico que ilustra a falta de segurança que regeia o trabalho dos operários portugueses.

Alarguemos a organização do Partido

A importância da organização do Partido nunca é demais ser salientada. Ali onde existe organização do Partido chega a nossa voz, esclarecem-se e mobilizam-se os trabalhadores e todo o povo para a luta por um Portugal Próspero, Democrático e Pacífico.

Mas há muitos lados onde não chega ainda a voz do Partido. Há empresas importantes, quartéis onde vivem centenas de soldados, há cidades, há regiões do país onde não existe organização partidária.

É possível no entanto, se todos compreendermos a importância do alargamento da organização, chegar até esses pontos, porque há sempre quem conheça, em todos eles, trabalhadores honestos, pessoas progressivas que estão dispostos a ajudar o Partido e a ser mesmo militantes comunistas.

Procuremos estabelecer ligação partidária com as nossas terras distantes, com os nossos conhecidos que trabalham em outras empresas, com os nossos nossos amigos, com todas as pessoas que conheçamos capazes de ajudarem o nosso Partido.

Que não haja um Concelho ou uma cidade, uma empresa ou uma herdade, um quartel ou uma escola, de certa importância, sem organização partidária!

Esforcemo-nos todos pelo alargamento da organização do Partido!

provocou grande abalo na saúde. As camaradas presas têm sofrido igualmente a tortura do sono e têm sido barbaramente espancadas por agentes da PIDE. Em virtude das torturas sofridas Albina Fernandes teve um forte ataque nervoso que pode ter perigosas consequências, e Natália David encontra-se em situação muito semelhante.

Ante a firme posição dos dirigentes e outros funcionários presos, a PIDE está recorrendo a torturas desumanas e isolamento rigoroso nas «gavetas» do Aljube. Para obter informações, agentes da PIDE chegaram a fazer interrogatórios à filha do camarada Octávio Pato, criança de 6 anos de idade, fazendo-lhe perguntas sobre a vida em casa.

Não é só a saúde dos camaradas presos que sofre graves riscos. A sua vida está em perigo.

Por isso o manifesto da Comissão Política do C. C. terminava:

«Divulguemos por todo o lado que a PIDE está torturando e tentando assassinar os presos políticos!»

Profetizamos por meio de abaixo-assinados ou moções dirigidas às autoridades contra as torturas policiais e o assassinato de José Dias Coelho!

Ajudemos as famílias dos presos políticos a obter para eles um tratamento humano!

Alarguemos a luta pela Amnistia Política a toda a gente de coração que ansia por um Portugal em que os direitos do homem sejam respeitados!

Salvemos as vidas dos patriotas presos!»

Nota — Por lapso alguns exemplares deste manifesto da Comissão Política do Comité Central aparecem assinados por Comissão Executiva do Comité Central.



OPERÁRIOS AVANTE NA LUTA!

É na acção diária das classes trabalhadoras em defesa dos seus interesses que se forja a unidade e a organização das massas, que se criam as condições necessárias para elevarmos a acção do nosso povo a níveis mais altos, às acções políticas, às manifestações de rua, ao levantamento nacional.

Por isso procuramos sempre colher o maior número de informações sobre as lutas nas empresas para que elas sirvam de experiência para todos.

PARALIZAÇÃO GERAL DE TRABALHO NA PARRY

os jovens operários conquistam as suas reivindicações

Tal como na generalidade das empresas, os jovens da Parry & Son (Cacilhas) embora realizando o trabalho de 1.ª ajudantes (54\$00) eram mantidos há muito na categoria de 3.ª ajudantes (32\$00). Em virtude disso cerca de 15 jovens decidiram avistar-se com o mestre geral para reclamar o salário de acordo com o trabalho que faziam. O mestre geral não quis atender a sua reclamação e, após duas horas de discussão, dez dos jovens foram suspensos.

Então, no dia seguinte, numa bela prova de unidade e de solidariedade, os 600 operários da Parry paralisaram o trabalho. Aos directores da empresa que acorreram pressurosos, uma comissão de operários disse que reclamavam contra a suspensão dos jovens e apoiavam a sua justa reivindicação. Na 2.ª feira seguinte os jovens voltaram ao trabalho e passaram a receber o salário de 1.ª ajudantes.

Há quem diga que um dos directores da empresa teria afirmado: «Daqui a pouco já o «Avante!» vai falar no assunto».

Naturalmente que não se enganava. Ao contrário dos jornais que defendem os interesses da grande burguesia, o «Avante!», que é o or-

Os operários agrícolas LUTAM

Em Benavila cerca de 50 operários agrícolas lutaram pela conquista de trabalho durante mais de um mês, concentrando-se várias vezes na Casa do Povo. Depois foram falar ao Presidente da Câmara e como este dissesse que nada podia fazer, os trabalhadores responderam: «Não temos que comer; se não arranja trabalho vamos buscar onde o houver, mas desta vez não vamos à bolota, vamos aos celeiros!» Com a sua persistência e unidade conseguiram que o Presidente da Câmara arranjasse trabalho.

Em Montemor-o-Novo um rancho de 12 mulheres que ganhava 15\$00 a apanhar bolota recusou-se a trabalhar quando o patrão tentou baixar a jorna. Assim mantiveram a jorna anterior. Um outro rancho de 20 mulheres que ganhavam 12\$00 pediram 13\$00 e todas unidas conquistaram-nos.

Operários agrícolas do Alentejo! Ante a grave crise de trabalho que atravessais, lutai bem unidos por trabalho ou pão!

Concentrai-vos junto das autoridades e das Casas do Povo!

Organizai-vos para lutar por melhores jornas nas mondas e nos trabalhos do arroz!

Fazei desde já reuniões amplas para discutir o trabalho nas ceifas e assentar no caminho a seguir!

gão do Partido da classe operária, procura divulgar as lutas da classe operária, dos trabalhadores, de todo o povo.

E temos bem a certeza que são estas lutas que construirão o Portugal de futuro, um Portugal melhor e feliz, onde a grande burguesia, onde os parasitas da sociedade deixarão de poder subsistir.

Avante, operários da Parry, reforçai a vossa unidade e a vossa organização!

Avante, metalúrgicos de Almada, lutai pelo aumento dos salários!

Novas concentrações de

Após a concentração de 1.500 trabalhadores da Companhia dos Telefones no seu sindicato, exigindo a revisão do contrato colectivo, a Direcção do Sindicato foi obrigada a admitir a participação da classe na discussão do projecto de revisão daquele Contrato. Em Janeiro e Fevereiro realizaram-se várias reuniões no sindicato em que participaram muitas centenas de operários e empregados, incluindo o pessoal feminino, das diversas secções da Companhia, os quais discutiram amplamente as reivindicações das diversas categorias e profissões. Divididas artificialmente por diversos sindicatos, o pessoal da A.P.T. está dando uma bela prova de unidade na luta pelas suas reivindicações. Assim, por exemplo, a totalidade dos contínuos da empresa enviaram uma exposição ao sindicato respectivo expondo as suas reivindicações e exigindo a colaboração deste sindicato em apoio das mesmas, junto do sindicato dos Telefones.

NA PIDE NÃO SE FALA

Não é possível ser-se honesto e quando se cal na prisão, denunciar à PIDE os companheiros de luta ou dar a conhecer ao inimigo quaisquer informações sobre a actividade do Partido ou das organizações democráticas. Fazê-lo é colaborar com a PIDE na sua actividade criminosa e banditescas e contribuir para prolongar no poder a ditadura fascista de Salazar.

Aqueles trabalhadores, incluindo comunistas, da Marinha Grande, do Couço, de Guimarães, que há meses foram presos e traíram, revelaram cobardia e desonestidade e não podem mais ter a estima das pessoas honradas.

Mesmo com torturas ou espancamentos, na PIDE só fala quem quer.

OPERÁRIOS DA CARRIS

não vos deixeis enganar!

Apesar de promessas vagas da empresa e duma circular do Sindicato dizendo que qualquer nova manifestação do pessoal só poderia prejudicar (!), os trabalhadores da Carris, conscientes de que só a unidade combativa dos trabalhadores permite a conquista da mais pequena reivindicação, fizeram uma nova concentração em defesa dos seus interesses.

No dia 28 de Fevereiro, a despeito dum grande aparato bélico policial fora e mesmo dentro da empresa,

AO POVO de Lisboa

A Carris prepara-se para aumentar os preços dos bilhetes dos eléctricos.

Esse monopólio inglês que tanto dinheiro tem arrancado do nosso país, pretende dessa forma elevar ainda mais os seus enormes lucros.

Protestemos contra o aumento dos preços da Carris!

Recusemos a utilização dos eléctricos logo que o aumento surja!

cerca de 1.500 trabalhadores da Carris concentraram-se e manifestaram o seu desejo de verem conquistadas as suas reivindicações.

Tal como no passado, a Companhia quer fazer depender o aumento dos salários da autorização para aumentar as tarifas dos transportes. Isto quer dizer que a empresa, quer fazer pagar o aumento pela população de Lisboa e não com a diminuição dos seus fabulosos lucros!

Trabalhadores da Carris! Não vos deixeis enganar! Continuai a vossa justa luta, unidos e organizados. Só da vossa acção e da vossa unidade vos virá a vitória! Exigi da direcção do vosso sindicato o apoio total à vossa acção e às vossas reivindicações! Continuai a concentrar-vos e se não fordes atendidos fazei «cera» e recorre à paralização e à greve! O povo e os trabalhadores de Lisboa estarão ao vosso lado!

posseal dos telefones

Trabalhadores da A.P.T., homens e mulheres! Continuai a vossa luta unidos e organizados. Formai amplas comissões de unidade e continuai a pressionar o sindicato e a Companhia até à satisfação das vossas justas reivindicações!

SÓ UNIDOS OS TRABALHADORES VENCEM

* De novo os operários da SOREFAME, unidos, lutaram contra as horas extraordinárias para compensar os feriados. Unanimemente todos se recusaram a fazer as horas de compensação, exigindo e conseguindo ao mesmo tempo o pagamento do dia feriado. Aos trabalhadores de outras empresas a quem esta arbitrária exigência é imposta pelo patronato, apontamos o exemplo dos operários da Sorefame que é digno de ser seguido.

* EM CACIA há perto de dois anos que os operários da Celulose vêm debatendo o problema dos horários junto do patronato. Em Dezembro passado os operários recusaram a circular um abaixo assinado dirigido à gerência, no qual reclamam a entrada em vigor do horário que mais lhes convém. Avante, operários de Cacia, na luta contra a exploração! A Companhia da Celulose teve no último ano perto de 45 MIL CONTOS DE LUCROS arrancados ao vosso trabalho!

* NA FÁBRICA TUDOR (Castanheira do Ribatejo) os operários, particularmente os que ganhavam menos (35\$00), insistiram com os patrões para obterem um aumento de salários. Em virtude da sua acção conseguiram no fim do ano um aumento geral do salário de 10\$00.

* NA FÁBRICA DE PAPEL DE ALENQUER há anos que os operários vinham lutando junto da secção do seu sindicato por um aumento geral de salários. Os dirigentes sindicais após lectos dos patrões mes, após novas insistências, foi possível conseguir um aumento geral. Esse aumento porém não satisfaz os operários pois foi muito pequeno (3\$50 para os que ganham menos) continuando a ser os trabalhadores das fábricas de papel mais mal pagos do distrito.

LUTAS DOS TÊXTEIS DA SERRA DA ESTRELA

* OS OPERÁRIOS TÊXTEIS DA SERRA DA ESTRELA receberam com indignação a entrada em vigor do decreto que estabelece o pagamento pelos operários de 26% dos medicamentos nacionais fornecidos pela Caixa Sindical. Numa Assembleia Geral do Sindicato da Covilhã os operários insurgiram-se contra as formas de exploração a que estão sujeitos quer por parte do patronato quer por parte do governo e protestaram contra os 25%, e contra a posição da direcção do Sindicato que não quis incluir a discussão deste problema na ordem de trabalhos.

* EM TORTOZENDO, mais de uma centena de operários e operárias concentraram-se na secção do Sindicato, elegeram uma comissão para falar com o presidente da comissão administrativa, que se recusou a recebê-la. Voltaram a eleger uma comissão de 8 operários que foi à Covilhã, onde discutiram com a direcção do Sindicato problemas referentes aos 25%, às eleições do Sindicato de Tortozendo e alteração do contrato colectivo de trabalho.

* A firma Sociedade da Lanifícios estava a trabalhar n. 5 dias, mas na semana do Natal o patrão quis passar para 4. Os operários elegeram uma comissão para falar com o patrão, perante a sua recusa, concentraram-se em peso junto dos escritórios, reclamando até conseguirem falar com ele. Perante a unidade dos operários deu ordens para os 5 dias.

Também nesta empresa, o pessoal se recusou a ir trabalhar para máquinas novas sem que lhes dessem o salário respectivo. Esta luta saiu igualmente vitoriosa.

* Na empresa JOÃO AFONSO, que estava a 4 dias, o patrão queria pôr o pessoal a trabalhar só 3 dias por semana. A luta dos operários levou o patrão a recuar, continuando a 4 dias.

* Também há indignação geral em todo o operariado contra o diploma que regula o imposto de selo, e pelo qual é descontado 1\$00 na folha semanal de cada operário que ultrapasse 200\$00. Na empresa J.N. Amoral da Covilhã, no dia seguinte ao primeiro desconto de 1\$00 na folha, os operários recusaram-se a iniciar o trabalho antes de falar com o patrão e protestaram contra o desconto, contra tal lei, acusando o governo de sustentar a guerra de Angola com o dinheiro do povo.



OBRIGUEMOS SALAZAR

a repatriar os prisioneiros da Índia

Salazar não é só o responsável directo pelas vidas que Portugal perdeu em Goa. Salazar é também o responsável pela situação dos milhares de prisioneiros cujo repatriamento está a impedir com as suas «condições» e com a repressão sobre os indianos de Moçambique.

Porque procede Salazar deste modo?

Tal procedimento é a conclusão lógica de toda a sua política. Quando as forças indianas entraram nas colónias portuguesas de Goa, Damão e Diu, Salazar ordenou o sacrifício total dos soldados portugueses que aí se encontravam.

Chegaram-nos às mãos textos de telegramas enviados por Salazar ao governador Vassalo e Silva, em Dezembro. Num desses telegramas, Salazar escreveu:

«Não prevejo possibilidade de tréguas nem prisioneiros portugueses que não haverá navios rendidos pois sinto que apenas poderá haver soldados e marinheiros vitoriosos ou mortos.»

Esta sua criminoso ordem foi contrariada pela grande massa dos militares portugueses que se negaram a entrar numa luta injusta, anti-popular. Se não fosse essa a sua atitude, hoje decerto contaríamos com milhares de vidas sacrificadas. Era esse o desfecho que Salazar desejava, que a Salazar convinha para a sua política. Ele pró-

prio escreveu no mesmo telegrama: «Convém politicamente que esta (a luta) se mantenha ao menos oito dias...»

Que importa po's a Salazar a sorte de alguns milhares de portugueses se politicamente lhe convinha que estivessem hoje mortos?

Ao ditador fascista interessa mais que eles sejam prisioneiros, que sofram o castigo de não terem morrido por Salazar, a que venham para Portugal somar-se a todos os que

protestam contra a sua política.

Por isso só uma ampla acção dos portugueses, em que devem ter papel fundamental as famílias dos prisioneiros na Índia, poderá obrigar Salazar a tratar seriamente com a União Indiana o regresso dos nossos soldados.

Se essa acção não for feita, a vinda dos prisioneiros portugueses será sempre adiada e poderá mesmo levar muitos deles a não desajar voltar a Portugal.

Os soldados não querem a guerra

O descontentamento que reina entre os militares contra a mobilização para a guerra colonial e contra as condições de vida nos quartéis é cada vez maior.

Recentemente, no quartel de Administração Militar do Lumiar, apareceram em todos os lugares do refeitiório folhas de agitação incitando os soldados a lutarem pelas suas reivindicações e contra a guerra colonial. Foram recebidas com tal interesse, que a ordem do oficial de dia para entregá-las apenas foi obedecida por três soldados.

O ambiente de medo e desconfiança que se vive nos quartéis devido à luta crescente dos soldados, originou recentemente um incidente em St.^a Margarida. Quando dois soldados que se tinham ausentado sem licença regressavam ao quartel, ao chamarem a sentinela para os

deixar entrar foram recebidos a tiro, o que produziu no quartel o maior pânico e confusão.

De Angola continuam a chegar notícias do descontentamento das tropas, que por vezes se recusam a ir para o mato e se queixam dos alojamentos e alimentação.

Na Guiné desertaram 6 militares africanos entre eles o alferes Armando Faria, e conseguiram chegar ao Senegal.

Em Timor os soldados empreenderam várias lutas contra a comida, que era apenas milho cozido e batatas com bacalhau completamente deteriorado. Ultimamente fizeram um levantamento de rancho. Têm protestado igualmente contra as condições de alojamento e a falta de água potável.

Soldados! Só lutando unidos conseguireis a melhoria das vossas condições de vida, do rancho e um tratamento digno da parte dos vossos superiores!

Para defender os vossos interesses e os interesses do país, uni-vos, organizai-vos e lutaí contra a mobilização para as colónias, contra a guerra!

NEM UM TOSTÃO PARA A GUERRA

Sines. Aqui, só o armador Jacinto Costa Correia e o mestre José Farias, gerente da firma Henrique Duarte & C.^a, quiseram obrigar os pescadores a descontar uma percentagem para «auxílio às vítimas do terrorismo em Angola», o que dava quase 300\$00 por cada pescador. Estes recusaram-se terminantemente. Passados alguns dias, os mesmos armadores tentaram de novo fazer o desconto, mas dada a firmeza dos pescadores tiveram de desistir.

Em Setúbal, esse mesmo desconto tem sido feito já durante algumas quinzenas, pelo que é muito grande o descontentamento entre os pescadores. Em Janeiro a companhia da traineira «Alzira», na altura do recebimento protestou enérgicamente contra esse desconto, obrigando o armador não só a não descontar como a entregar o que já tinha descontado.

Em Alhos Vedros, na fábrica de cortiças de João Madeira, também os patrões tentaram fazer um desconto para a guerra. Os operários recusaram-se a receber a fêria descontada e desse modo nada deram.

Em Alcanena constatou que ia passar a ser descontado o custo dum selo para a guerra colonial. Os operários levantaram um movimento de protesto exigindo uma Assembleia Geral do Sindicato dos Cur-

Crónica internacional

Argélia

Uma lição para Angola

Após mais de 7 anos de luta armada, na qual perderam a vida centenas de milhares de patriotas argelinos, o povo da Argélia vê finalmente aproximar-se a hora da libertação nacional e da independência, a despeito dos esforços desesperados e sangrentos dos ultras franceses do «Exército Secreto», só possíveis devido ao apoio de que beneficiam no seio do governo reaccionário francês.

As negociações finais entre França e o Governo Provisório da República Argelina (G.P.R.A.) são o corolário dum luta heróica do povo argelino contra os colonialistas franceses que tudo fizeram para impedir a solução que agora são obrigados a aceitar.

As lutas da classe operária e do povo francês contrariaram também para obrigar os colonialistas franceses a seguir o caminho das conversações e da Paz.

O caso da Argélia demonstra que não há forças no mundo que possam impedir a libertação dos povos coloniais do jugo dos colonialistas. Assim como a França que desde há 7 longos anos submeteu a terra argelina a ferro e fogo, não conseguiu vencer a resistência desse povo heróico, com mais forte razão os colonialistas portugueses não conseguirão impedir a libertação do povo de Angola e dos demais povos coloniais que massacraram, exploraram e oprimem. Os salazaristas nem sequer inventaram nada de novo com a falsa afirmação de que Angola é terra portuguesa, pois não fazem mais que macaquear os colonialistas franceses que durante muitos anos locaram em vão o disco da «Argélia Francesa».

Entretanto, entre o início da luta libertadora do povo argelino e a do povo de Angola, cresceram extraordinariamente no mundo as forças anti-colonialistas com a libertação de quase toda a África do domínio colonial e com o aumento da potência do mundo socialista que é hoje o mais fiel aliado dos povos que lutam pela sua liberdade e independência.

A intensificação da luta do povo português contra a vergonhosa guerra colonial em Angola, poderá impedir muitos sofrimentos inúteis ao nosso povo e aos povos coloniais. Tal como o povo da Argélia, o povo de Angola e das outras colónias conquistará a sua liberdade e independência!

UM ANO DE GUERRA

Passado um ano sobre a insurreição do povo de Angola e o começo dos combates, os portugueses fazem o balanço a este ano de guerra.

50 MIL MORTOS — 50 mil angolanos ou mais foram chacinados pelos colonos e pelos soldados portugueses num dos maiores massacres dos tempos modernos. Todos os actos e bestialidades têm sido praticados sobre o povo angolano, levantando um movimento de indignação em todo o mundo e desacreditando o nome de Portugal. Do lado português já caíram alguns milhares de soldados e colonos e todos os dias estão morrendo mais; muitas centenas regressam feridos e mutilados. A nossa juventude está sendo sacrificada nesta guerra.

3 MILHÕES DE CONTOS — Este primeiro ano de guerra custou 3 milhões de contos para sustentar as tropas nas colónias (além das despesas militares normais). Aviões, metralhadoras e barcos de guerra são comprados por qualquer preço no estrangeiro e mandados para as colónias. Quem paga estas despesas é o povo. Os impostos de guerra vêm a cair sobre os ombros dos trabalhadores cuja miséria aumenta. A economia nacional está a caminhar para um grande desastre.

UMA GUERRA PERDIDA — Ao fim dum ano de luta já toda a gente compreende que a guerra de Angola é uma guerra perdida. O povo de Goa libertou-se para não mais voltar à dominação portuguesa e os povos das outras colónias vão também libertar-se. O tempo em que os roceiros e as grandes companhias tratavam os negros a chicote está passando para não mais voltar. O povo de Angola quer a sua independência e não deixará de combater enquanto não a conquistar. Só o apoio da NATO tem permitido a Salazar prolongar esta guerra perdida. O fim fatal da guerra de Angola é a retirada das tropas portuguesas e o reconhecimento da independência do povo angolano.

LUTEMOS UNIDOS — A cólera do povo contra a guerra cresce de dia para dia. À medida que compreendem a mentira da propaganda de Salazar, a injustiça desta guerra, o povo reclama com maior energia que terminem os combates e que regressem os soldados. Durante o ano que passou, os soldados, os trabalhadores, todo o povo, manifestaram o seu ódio à guerra. Houve recusas a combater; a grande massa dos trabalhadores recusa-se a contribuir; o povo reclama o regresso das tropas. Mas é preciso que sejam desencadeadas acções de muito maior envergadura. Para obrigar o governo de Salazar a pôr fim à guerra de Angola, é preciso que os soldados e todo o povo se manifestem cada vez mais firmemente pela Paz.

Acabar com a guerra de Angola é acabar com uma grande barbárie que envergonha o nosso país, é libertar-nos de despesas enormes e inúteis, é dar um golpe muito fundo na política de Salazar, é caminhar para o fim do salazarismo.

tumes para discutir o assunto.

Desta forma, os trabalhadores continuam pondo em evidência o seu ódio à guerra colonial.

Trabalhadores! Portugueses! Recusai-vos a contribuir para a guerra colonial! Recusai-vos a ajudar a política de Salazar!

O povo é coagido a dar; os ricos... emprestam!

Ao mesmo tempo que cria os impostos de consumo e que procura obrigar os trabalhadores a descontar para a guerra, recolhendo dessa forma muitos milhares de contos, o governo de Salazar realiza com os grandes bancos e as grandes companhias empréstimos que irão fornecer a estes mais uma fonte de lucros.

No dia 14 de Fevereiro um novo empréstimo foi contratado com o Banco Comercial de Angola, representado por Artur Cupertino de Miranda e Manuel Vinhas. Estes grandes «patriotas», segundo a classificação fascista, emprestam 100 mil contos ao juro de 4%. Ao fim de 7 anos, além dos 100 mil contos, receberão mais 24 mil e duzentos contos. Como se vê, o negócio não é mau. E ainda falta saber onde são gastos os 100 mil contos.

Segundo se pôde ler nos jornais, em Angola toda a gente diz que o empréstimo feito pela Companhia de Diamantes está sendo aplicado na construção da estrada Luso — Henrique de Carvalho, que interessa fundamentalmente à própria Companhia de Diamantes. Quer dizer, em vez de ser ela a construir a estrada, o governo constrói e a Companhia, sem gastar um centavo, recebe depois os juros. Os dirigentes desta companhia são também, pois, grandes «patriotas».